

## Agricultura familiar muda a rota de agricultores do Semiárido



Foto: Romário Henrique

A história social do Nordeste brasileiro foi marcada por momentos de grandes crises, em especial para as famílias agricultoras do Semiárido. Ultrapassar a infância e chegar até a idade adulta era um desafio aos que não tinham de comer e beber, em função das condições sociais, políticas e climáticas da época.

Sair da terra árida e improdutiva, rumo a grandes centros urbanos, era a solução encontrada por parte dos camponeses. Assim foi com o agricultor Cosmo Mariano Farias, 70 anos, e a agricultora Maria de Lourdes, 64, da comunidade Aldeia Nazário, município de Ibimirim. Depois de testemunharem e serem protagonistas do passado sofrido, a família agora tem motivos para continuar no campo com moradia, saúde e alimentos. Outra história.





Seu Cosmo nasceu em Pesqueira, na aldeia Xucuru. Trabalhou desde cedo para fazendeiros, na criação de vacas. Registrou a palavra saudade em suas cartas quando decidiu tentar a vida em São Paulo, em busca de oportunidades melhores. Voltou a terra natal um ano depois de trabalhar na metalúrgica, com lembrança de Maria, sua esposa, que ficou lhe esperando.

O agricultor lembra que a João Teotônio, antiga empresa de transporte, lotava por dia oito ônibus para São Paulo, na longa estrada do terreiro da casa de Dona Maria, BR 110, onde ela vendia coquinhos em forma de rosário aos retirantes. Um passado que não se quer mais.

No quintal de Seu Cosmo e Dona Maria o verde é de todo jeito. Hortaliças, legumes e fruteiras dão tom ao lugar que se contrasta com a paisagem da caatinga. A água é abundante e vem das cisternas de 52mil e 16mil litros.

“Agora temos nossa terra, temos casa, lugar pra plantar, energia elétrica, transporte, e água pra beber e colocar nas plantas”, diz Seu Cosmo.

Mas ainda falta algo nesse lugar: seus dois filhos que estão trabalhando em São Paulo.

“É nossa grande vontade que eles voltem a morar por aqui. E eles dizem que querem voltar todas as vezes que conversamos. As coisas por lá também não são fáceis. Aqui a gente dá um jeito e vive bem”, conta Dona Maria.

A seca continua. O sol, duro. As dificuldades ainda pressionam. Mas a vontade de lutar pela terra, pelo alimento, pela vida no Semiárido, permanece firme. Sair de sua terra? “Deus que me livre sair daqui”, enfatiza o agricultor. O trecho da BR 110 agora é caminho de resistência, de luta, da vida que pulsa no Semiárido, com flores e sorrisos.